

NISE DA SILVEIRA E REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DO SUS: PERCEPÇÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE CURITIBA (2025)

Maria Isabelly Marcondes de Oliveira

Guilherme Antônio Machado Pazzi

Miguel Henrique Neves Chaves

Fabiane Helene Valmore

fabiane.valmore@escola.pr.gov.br

Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli, Curitiba/PR

Resumo

Esta pesquisa do Clube de Ciências, Arte, Cultura e Saúde Mental do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli busca identificar percepções e práticas de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba (SMS) a partir do legado da Dra. Nise da Silveira. Pergunta de Pesquisa: Como a Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba concebe e pratica Nise da Silveira na Rede de Atenção Psicossocial do SUS? Percurso Metodológico: Estudo dos livros publicados pela Dra. Nise da Silveira (incluindo entrevistas/documentários) e análise qualitativa de entrevista em profundidade que realizamos com a Coordenação de Saúde Mental da SMS de Curitiba. Resultados parciais: a SMS de Curitiba reconhece a importância de Nise e do cuidado em liberdade, mas apresenta dificuldades para afirmar os Centros de Convivência da RAPS no âmbito do SUS como espaços comunitários de sociabilidade, acolhimento psicossocial e de expressão e ressignificação de sofrimento psíquico. Segundo a Secretaria de Saúde do Paraná “dos R\$ 64,1 milhões investidos na área [de Saúde Mental em 2024], mais da metade foi destinada à complementação do valor das diárias para hospitais especializados em psiquiatria”. Na contramão da Reforma Psiquiátrica, não temos Centros de Convivência e desconhecemos experiências artístico-culturais consolidadas na Saúde Mental Pública do Paraná.

Palavras-chave: Nise da Silveira; política pública de saúde mental; clube de ciências; cuidado em liberdade; rede de atenção psicossocial

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa qualitativa está sendo realizada no Clube de Ciências, Arte, Cultura e Saúde Mental do Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli, em uma região vulnerabilizada de Curitiba. Constam no SERE (20/05/2025) 872 estudantes matriculados no Ensino Fundamental II e Médio (manhã e tarde) e quase metade (415 estudantes) é beneficiária do Programa Bolsa Família. Os Encontros do Clube acontecem desde setembro/2024 no contraturno escolar às quartas-feiras à tarde, e atualmente temos 12 estudantes clubistas entre 13 e 16 anos - todos ingressantes de 2025. Além dos Encontros semanais, o Clube realiza diversas atividades de pesquisa fora do ambiente escolar. A rotatividade tem sido considerável devido a questões familiares/pessoais e/ou relacionadas a vulnerabilidades sociais e isso desestabiliza a rotina do Clube, mas também contribui para a compreensão de diversas condições psicossociais e materiais de vida, muitas delas adoecedoras - objeto de pesquisa deste Clube.

Inspirado no trabalho da Dra. Nise da Silveira (1905-1999) - médica que revolucionou a psiquiatria brasileira no Centro Psiquiátrico Pedro II, antigo hospício da zona norte do Rio de Janeiro, hoje Instituto Municipal Nise da Silveira - o Clube prioriza a análise sociológica da Saúde Mental Pública Brasileira e reconhece a importância da Lei da Reforma Psiquiátrica 10.216/2001 e da Luta Antimanicomial nos tensionamentos inerentes aos processos de disputa e construção de políticas públicas de Saúde Mental. *Qual é a visão da Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba do legado de Nise da Silveira, e como esse legado se reflete (ou não) nas práticas institucionais da Rede de Atenção Psicossocial do SUS de Curitiba?* O objetivo aqui é, portanto, identificar e analisar concepções e práticas institucionais de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba. *Em que medida o SUS de Curitiba defende e garante o direito ao cuidado e atenção psicossocial em liberdade permeado pela arte e cultura como formas de expressão e ressignificação do sofrimento psíquico em diálogo com a Dra. Nise da Silveira?* Pesquisar Nise num Clube de Ciências se justifica pela potência terapêutica, científica, política e artístico-cultural de seu legado vivo e humanizado frente às limitações da psiquiatria tradicional e do número crescente de adoecimento psíquico e medicalização da vida inclusive no ambiente escolar.

O atelier de pintura era inicialmente apenas um setor de atividades entre vários outros setores da Terapêutica Ocupacional, seção que estava sob minha responsabilidade no Centro Psiquiátrico Pedro II. **Mas aconteceu que desenho e pintura espontâneos revelaram-se de tão grande interesse científico e artístico que esse atelier cedo adquiriu posição especial.** Era surpreendente verificar a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava degradada. Apesar de nunca haverem pintado antes da doença, muitos dos frequentadores do atelier, **todos esquizofrênicos**, manifestaram intensa exaltação da criação imaginária, que resultava na produção de pinturas em número incrivelmente abundante, num contraste com a atividade reduzida de seus autores fora do atelier, quando não tinham mais nas mãos os pincéis. [...] **Pintar seria agir.** [...] O atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidades para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam as preocupações com a ressocialização. (Nise da

Silveira, 2015. p. 15-16, grifo nosso)

Realizar entrevista em profundidade com a Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba em diálogo com Nise da Silveira, médica que revolucionou a psiquiatria com pesquisa científica e práticas humanizadas e acolhedoras no antigo Hospício de Engenho de Dentro, contribui para ampliar o horizonte de possibilidades emancipatórias e de produção de vida em liberdade dentro dos serviços públicos de saúde mental, portanto contribui com a redução de estigmas e a produção de conhecimento científico pelo viés antimanicomial. Não temos Centros de Convivência em Curitiba - equipamento comunitário e de cuidado em liberdade da RAPS/SUS e desconhecemos experiências consolidadas de arte e cultura na Saúde Mental do Paraná, como o próprio Museu de Imagens do Inconsciente fundado pela Nise da Silveira em 1952 e em funcionamento desde então, o Coral Cênico Cidadãos Cantantes há 34 anos em São Paulo promovendo o cuidado em liberdade e a banda Harmonia Enlouquece há 24 anos no Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro (CPRJ), cujo cofundador, cantor e compositor Hamilton de Jesus é uma pessoa que vive a experiência de sofrimento psíquico e se reconheceu artista dentro do desta uma instituição pública psiquiátrica que se inspira no legado de Nise da Silveira.

O percurso metodológico desta pesquisa qualitativa e de natureza descritiva é constituído pelo estudo da obra da Dra. Nise da Silveira - incluindo pesquisas acadêmicas, documentários e entrevistas realizadas com e sobre ela - e de documentos como a Lei da Reforma Psiquiátrica 10.216/2001 e duas Portarias do Ministério da Saúde: a 3.088/2011 que *Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)* e a 5.738/2024 que dispõe sobre o *Centro de Convivência - CECO da Rede de Atenção Psicossocial - RAPS, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS*. Além disso, incluí a análise e sistematização de entrevista em profundidade com a Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba que realizamos em dois momentos (13/05/2025 e 02/07/2025) a fim de contemplar todas as 30 questões abertas que elaboramos no roteiro de entrevista. Palestras seguidas de bate-papo com pesquisadores sobre Sociologia e Saúde Mental, Nise da Silveira, Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial, Políticas Públicas de Saúde Mental e experiências de Arte, Cultura e Saúde Mental também têm sido realizadas como forma de produção e troca de conhecimento sobre a temática Arte, Cultura e Saúde Mental a partir das Ciências Sociais e Humanas e pesquisas em desenvolvimento no Clube. Por exemplo, conseguimos nos encontrar (online) com o sociólogo e pesquisador chileno Cristian Montenegro, com o médico psiquiatra transcultural e ator Vitor Pordeus e com o multiartista Adilson Tiamo, pessoa diagnosticada com esquizofrenia e com ampla experiência de produção artística e cultural nos espaços públicos de saúde mental antimanicomial do SUS carioca.

Como resultado parcial podemos citar o fato de que a Coordenação de Saúde Mental da SMS de Curitiba reconhece o legado da Dra. Nise da Silveira, afirma o cuidado em liberdade e a importância do atendimento psicossocial na construção de afeto e laços seguros dentro da RAPS, mas apresenta dificuldades para afirmar os Centros de Convivência e Cultura como dispositivos públicos de redução de estigma, de expressão e ressignificação de sofrimento psíquico e de produção de vida.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O caminho metodológico desta pesquisa é traçado pelo estudo das obras de autoria da própria Nise da Silveira e de demais pesquisadores, cineastas, jornalistas e/ou artistas que conviveram com ela e/ou demonstram interesse científico e artístico-cultural pelo legado que ela nos deixou. Por exemplo estamos lendo Luiz Carlos Mello, diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, autor de “Nise da Silveira: Caminhos de Uma Psiquiatra Rebelde” e de Leon Hirszman (1937-1987), diretor da Trilogia Imagens do Inconsciente, estamos nos organizando para assistir os documentários com imagens do inconsciente produzidas por três pacientes históricos durante a internação de longa permanência a que foram submetidos no antigo Hospício de Engenho de Dentro: Fernando Diniz, Adelina Gomes e Carlos Pertuis. Já assistimos à entrevista dada a Leon Hirszman em 1986, considerada o Posfácio desta Trilogia Imagens do Inconsciente, na qual Nise fala sobre como a seção Terapêutica Ocupacional passou a ser chamada “Emoção de lidar”, afirma e comprova a importância do “Afeto Catalisador” e nos mostra como passou a denominar como “inumeráveis estados do ser”, os sintomas da esquizofrenia – conceitos pilares de seu trabalho clínico, teórico e científico.

Além deste esforço teórico, realizamos entrevista semiestruturada em profundidade com a Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba em dois momentos (13/05/2025 e 02/07/2025) a fim de contemplarmos as 30 questões abertas do roteiro de entrevista que elaboramos. Estamos na fase de transcrição e análise das 4 horas de entrevistas gravadas em áudio e temos agendada uma Roda de Conversa com esta Coordenação prevista para 25/09/2025 a fim de aprofundarmos nossas reflexões e diálogo com a SMS de Curitiba. Além desta, diversas atividades realizadas fora da escola fazem parte da rotina do Clube. Participamos do II Encontro de Luta Antimanicomial realizado na UFPR em maio de 2025 com vários pesquisadores e artistas do campo da saúde mental. Destacamos aqui a palestra sobre “O Normal e o Patológico” de Georges Canguilhem oferecida pelo psicanalista Vinícius Armiliato e a oportunidade que tivemos de apresentar nossas pesquisas do Clube. Realizamos visita com oficina sobre Bispo do Rosário no Museu Oscar Niemeyer e no Museu Paranaense. Visitas às universidades públicas também fazem parte da rotina do Clube que busca produção/troca de conhecimento, inclusive relacionados ao PIBIC-EM e às formas de acesso/permanência no ensino superior público.

RESULTADOS ESPERADOS/PARCIAIS

Os Resultados parciais mostram que a Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba reconhece a importância de Nise da Silveira na formação de futuros trabalhadores de Saúde Mental mas apresenta dificuldades para afirmar os Centros de Convivência da Rede de Atenção Psicossocial do SUS como espaços comunitários, solidários e participativos de convivência e sociabilidade pautados pela diversidade e heterogeneidade das expressões humanas e culturais - princípios defendidos pela Nise, pela Luta Antimanicomial e pela Lei da Reforma Psiquiátrica brasileira. Quando perguntada durante a entrevista se Curitiba aderiu aos Centros de Convivência (CECO) por meio da Portaria GM/MS Nº 5.738/2024 do Ministério da Saúde que institui os CECOs da RAPS no âmbito do SUS, a atual Coordenadora de Saúde Mental da SMS de Curitiba em 13/05/2025 respondeu:

Não, a gente não fez [a adesão à Portaria do CECO] e eu já te explico porque: não é tão simples assim. [...] exige contrapartida da SMS. [...] Ele vai na contramão. [...] Você vai lá [...] e você interage com os mesmos. [...] Teria que ter um trabalho bem importante pra a gente fazer com que a comunidade permaneça. O que eu fui, muito raramente a comunidade interage. Acaba sendo um nicho. [...] **Pra que que eu preciso de um Centro de Convivência específico pra Saúde Mental?** [...] Eu precisava ter espaços de convivência pra todo mundo. **O que eu conheço [...] é espaço de convívio com quem faz [tratamento de saúde mental]. O daqui de Curitiba era isso.** [...] Essa que é minha crítica [...] quando a gente tá falando de Centro de Convivência, isso é social, por que que tem que ser um equipamento do SUS? [...] **O Centro de Convivência não devia ser um equipamento do SUS.** [...]. Tem que jogar [os usuários da RAPS] para conviver. [...] **Por que eu preciso de um Centro de Convivência se eu tenho uma Fundação Cultural?** (Coordenação de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, 2025)

Este trecho expressa uma concepção frágil a respeito dos Centros de Convivência no âmbito da RAPS do SUS como também da condição psicossocial de pessoas que vivem a experiência de sofrimento psíquico. Ter o direito de frequentar como convivente espaços comunitários, plurais e de sociabilidade do SUS concebidos para acolher e ressignificar o sofrimento psíquico em liberdade é diferente de poder frequentar atividades de lazer, esporte e cultura em instituições não destinadas necessariamente para este fim, tampouco qualificadas para lidar com o sofrimento psíquico, ainda que o esforço seja louvável.

Esperamos com esta pesquisa ampliar o debate científico e político em torno desta questão na cidade de Curitiba e no Paraná em consonância com pesquisas acadêmicas e científicas que vem sendo realizadas nos últimos 40 anos de luta antimanicomial no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Considerando que a Coordenação de Saúde Mental da SMS de Curitiba expressa reconhecimento pela história e eficácia do método de tratamento da Dra. Nise Da Silveira, mas hesita diante da possibilidade de implantar em Curitiba um dispositivo previsto na Rede de Atenção Psicossocial do SUS com recursos do Ministério da Saúde e que poderia funcionar inspirado no legado da Nise e nas experiências de CECOs de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Natal e Rio Branco, para citar alguns espalhados pelo Brasil que se alegram com a potência criativa da arte no cuidado da saúde mental. Considerando que estamos no Paraná recebendo a notícia de ampliação da oferta de medicamentos psiquiátricos disponibilizados pelo SUS e que segundo o Secretário de Saúde o “objetivo é ampliar o cuidado, diminuir o sofrimento e oferecer mais dignidade às pessoas que enfrentam transtornos mentais”, além do fato de que mais da metade dos recursos públicos destinados à saúde mental do Paraná em 2024 foi destinado aos hospitais especializados em psiquiatria, perguntamos: se o trabalho tão importante que Nise realizou em vida é reconhecido no campo da saúde mental antimanicomial e pela própria Coordenação de Saúde Mental da SMS de Curitiba, por que parece não haver maior dedicação na criação de políticas públicas inspiradas no legado humanizado e revolucionário que ela nos deixou?

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei da Reforma Psiquiátrica Nº 10.216, de 06 de abril de 2001.** Disponível em: . Acesso: em 11 de junho de 2025

BRASIL. **Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.** Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html>. Acesso em 15 de julho de 2025

BRASIL. **Portaria Nº 5.738, de 14 de novembro de 2024.** Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2024/prt5738_09_12_2024.html> Acesso em 16 de junho de 2025

SILVEIRA, Nise. **Gatos, a emoção de lidar.** Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

_____. **Imagens do Inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.